

A reputação digital da sua organização pode estar em risco e você talvez ainda não saiba

Uma nova pesquisa da Infoblox Threat Intel revela que proxies residenciais já são uma presença comum em redes corporativas, criando riscos ocultos que vão muito além das equipes de segurança da informação

Historicamente, os proxies residenciais eram vistos como um problema periférico da internet. No entanto, uma nova pesquisa da Infoblox Threat Intel sugere um cenário bem diferente. Desenvolvido em colaboração com a Synthient e dando continuidade às descobertas anteriores da Infoblox sobre a botnet Kimwolf, o estudo mostra que os proxies residenciais representam uma exposição muito mais ampla para as empresas.

Após identificar que cerca de 25% de seus clientes possuíam o domínio Kimwolf em suas redes - um fenômeno impulsionado pelo uso de proxies residenciais -, as equipes ampliaram a investigação, analisando bilhões de consultas DNS e dados de telemetria de rede associados em toda a base de clientes. Os resultados revelaram um cenário ainda mais abrangente: em 2026, mais de 65% dos clientes do Infoblox Threat Defense Cloud realizaram consultas a domínios associados a redes de proxies residenciais, evidenciando o quanto esses serviços já estão incorporados aos ambientes corporativos reais.

Os proxies residenciais direcionam o tráfego de internet por meio de dispositivos de uso cotidiano, como roteadores domésticos, smartphones, dispositivos de Internet das Coisas (IoT) e sistemas que executam aplicativos com recursos de proxy integrados. Com isso, as conexões passam a aparentar ter origem em usuários reais, e não em datacenters.

Embora essa tecnologia possa ser utilizada para finalidades legítimas, como coleta automatizada de dados na web (web scraping) e acesso a conteúdos com restrições geográficas, essas



mesmas características a tornam atrativa para agentes maliciosos. Os proxies residenciais podem ser usados para contornar sistemas de reputação de IP, driblar mecanismos de prevenção a fraudes e processos de verificação, além de permitir que atividades maliciosas se misturem ao tráfego legítimo de usuários comuns.

No ambiente corporativo, essa dinâmica pode transformar um ponto cego técnico em um problema real de negócios. Se terceiros identificarem atividades maliciosas originadas de um endereço IP associado à sua organização, a empresa poderá ser apontada inicialmente como a fonte dessas ações, o que pode gerar impactos reputacionais, jurídicos e operacionais.

Os dados mostram que esse fenômeno está em expansão. Entre janeiro de 2025 e abril de 2026, o volume mensal de consultas a domínios associados a proxies residenciais saltou de quase 400 bilhões para mais de 500 bilhões, um crescimento de aproximadamente 25%. Segundo a Infoblox Threat Intel, um dos principais impulsionadores é o web scraping relacionado à IA, onde proxies residenciais ajudam o tráfego a se misturar como se viesse de consumidores reais, em vez de sistemas automatizados.

Igualmente relevante é a forma como esses serviços costumam chegar aos am-

bientes corporativos: por meio de ferramentas e dispositivos de uso cotidiano, e não necessariamente por malware. A pesquisa aponta VPNs gratuitas, aplicativos de streaming, protetores de tela, aplicativos de produtividade e dispositivos IoT de baixo custo como alguns dos meios mais comuns pelos quais sistemas podem ser incorporados, muitas vezes sem que os usuários compreendam plenamente o que está acontecendo.

Entre as principais descobertas da pesquisa, destacam-se:

- Mais de 65% dos clientes do Infoblox Threat Defense Cloud apresentaram atividade DNS relacionada a proxies residenciais em 2026.

- O volume mensal de consultas a domínios associados a proxies residenciais cresceu cerca de 25% entre janeiro de 2025 e abril de 2026, ultrapassando a marca de 500 bilhões de consultas por mês.

- Pelo menos 40% dos clientes de todos os segmentos analisados apresentaram esse tipo de tráfego. Os índices superaram 90% nos setores farmacêutico e de alimentos e bebidas, e ultrapassaram 60% entre organizações governamentais e instituições bancárias.

- O tráfego relacionado a proxies residenciais pode gerar um volume

desproporcional de alertas para os profissionais de defesa cibernética, aumentando a carga de análise e investigação de equipes de segurança que já operam com recursos limitados.

“Os proxies residenciais permitem que terceiros utilizem seus recursos para cometer crimes e causar danos na internet usando a reputação e a identidade de endereço IP”, afirma a Dra. Renée Burton, vice-presidente da Infoblox Threat Intel. “Na maioria dos casos, esses pontos de acesso são tecnicamente criados com o consentimento do usuário, por meio da aceitação dos termos e condições de um software. No entanto, essas informações costumam estar escondidas em textos jurídicos extensos, muitas páginas adiante no documento. Os formuladores de políticas públicas precisam avaliar os riscos que os proxies residenciais representam para a internet, os requisitos para um consentimento verdadeiramente informado e o papel que os provedores desses serviços devem desempenhar na prevenção de abusos. Já as empresas precisam adotar uma abordagem multifacetada para enfrentar essa ameaça, incluindo o uso de DNS protetivo para controlar conexões com serviços de proxy indesejados.”

Embora nem todo proxy residencial seja utilizado para fins maliciosos, a preocupação está no fato de que muitas organizações desconhecem se esses serviços estão presentes em seus ambientes, por que foram incorporados ou quais riscos representam. Isso faz com que empresas operem sem visibilidade sobre uma categoria de exposição que cresce rapidamente.

Negócios & Carreira

Fabiana Monteiro (*)

Pessoas fazem a diferença

Daniela Mediolli, vice-presidente do Grupo Sada, defende que pessoas, propósito e aprendizado sustentam o crescimento dos negócios

Para Daniela Mediolli, vice-presidente do Grupo Sada, o maior patrimônio de qualquer organização não está em seus ativos, tecnologias ou estruturas, mas nas pessoas. A executiva acredita que são elas que constroem culturas, impulsionam resultados e garantem a sustentabilidade dos negócios ao longo do tempo. Essa visão acompanha sua trajetória desde a infância e se tornou um dos pilares de sua atuação como líder.

Natural de Belo Horizonte (MG), Daniela cresceu em uma família que conciliava atividade empresarial e responsabilidade social. Filha de Vittorio Mediolli, fundador da operação brasileira do Grupo Sada, teve contato desde cedo com diferentes realidades sociais. Acompanhava a mãe em ações voluntárias e o pai em viagens pelo interior do Brasil, experiências que ampliaram sua compreensão sobre os desafios do país e fortaleceram seu senso de responsabilidade com a sociedade.

Esse olhar se refletiu em suas próprias iniciativas. Ainda adolescente, atuou como voluntária em projetos sociais e chegou a lecionar para turmas de Educação de Jovens e Adultos. Anos depois, essa mesma sensibilidade passaria a influenciar sua forma de liderar pessoas e administrar negócios.

Embora tenha crescido próxima ao universo empresarial, Daniela não imaginava seguir carreira na empresa da família. Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais, planejava construir uma trajetória internacional ligada a organismos multilaterais e à diplomacia. No entanto, uma mudança inesperada redirecionou seus planos.

Em 2011, seu pai enfrentou um grave problema de saúde que exigiu um transplante de fígado. Diante da situação, Daniela decidiu interromper projetos pessoais e mergulhar na realidade do grupo empresarial. O que inicialmente parecia uma decisão circunstancial transformou-se em uma jornada de aprendizado e construção de legado.

Seu ingresso no **Grupo Sada** ocorreu pela área de controladoria e auditoria. Desde o início, buscou construir credibilidade por mérito próprio. Mais do que ocupar uma posição de herdeira, queria compreender profundamente o negócio e contribuir para sua evolução. Para isso, investiu em formação, capacitação e desenvolvimento de competências de gestão.

Ao longo dos anos, participou de processos importantes de transformação organizacional. Entre os desafios enfrentados esteve a construção de uma cultura corporativa mais integrada em um grupo que crescia de forma acelerada e diversificada. A experiência reforçou uma convicção que permanece presente em sua atuação: empresas evoluem quando conseguem desenvolver pessoas e alinhar propósito, estratégia e cultura.

Hoje, o Grupo Sada reúne mais de 30 empresas, atua em dife-



Daniela Mediolli

rentes setores da economia e emprega aproximadamente oito mil colaboradores. Líder no transporte de veículos zero quilômetro na América Latina, o grupo mantém uma estratégia baseada em inovação, investimento contínuo e geração de valor para clientes.

Para Daniela, porém, o diferencial competitivo não está apenas na infraestrutura ou na tecnologia. Está na capacidade de atrair, desenvolver e reter talentos. Por isso, uma das características mais marcantes da organização é a valorização da promoção interna. A companhia busca identificar profissionais com potencial e criar oportunidades para seu crescimento, fortalecendo vínculos de longo prazo e estimulando a construção de carreiras sólidas.

A executiva também destaca o papel estratégico da área de Gente e Gestão, responsável por iniciativas como avaliação de desempenho, programas de desenvolvimento, comunicação interna e fortalecimento da cultura organizacional. Segundo ela, preparar pessoas para os desafios futuros é uma das tarefas mais importantes da liderança contemporânea.

Outro tema que Daniela considera essencial para o desenvolvimento do país é a educação financeira. Em sua visão, conceitos relacionados à gestão de recursos, investimentos e planejamento deveriam fazer parte da formação básica de todos os cidadãos. Ela acredita que o acesso a esse conhecimento amplia oportunidades, fortalece o empreendedorismo e contribui para decisões mais conscientes tanto na vida pessoal quanto profissional.

Ao refletir sobre liderança, Daniela reforça a importância do autoconhecimento, da resiliência e da capacidade de adaptação. Para ela, o mundo muda em velocidade crescente e exige aprendizado contínuo. O desconforto, muitas vezes visto como algo negativo, pode ser um dos principais motores da evolução humana, pois impulsiona inovação, coragem e transformação.

Entre os aprendizados acumulados ao longo da carreira, a executiva destaca que grandes conquistas normalmente exigem assumir riscos e enfrentar momentos de incerteza. Liderar significa tomar decisões difíceis, conviver com responsabilidades e, em alguns momentos, lidar com a solidão inerente a determinadas posições.

Ainda assim, Daniela acredita que a liderança se torna mais significativa quando é exercida com empatia, propósito e genuíno interesse pelas pessoas. Para ela, nenhuma estratégia é capaz de substituir o valor humano dentro das organizações.

Sua mensagem para as novas gerações é clara: investir no autoconhecimento, buscar aprendizado constante, não ter medo de errar e valorizar as relações humanas. Afinal, por trás de toda empresa bem-sucedida existe algo que nenhuma tecnologia consegue substituir: pessoas comprometidas em construir um futuro melhor.

(*) - Chairman, CEO da Editora Global Partners – Affiliated to Institute of Coaching at McLean Hospital, associate Harvard Medical School – (ICPA).
Conselheira de empresas.

Por que o sócio não pode operar em modo sazonal?

Empresas não entram em colapso de uma vez. Elas começam a enfraquecer quando o sócio passa a operar de forma intermitente.

Existe uma ideia confortável, e profundamente perigosa, de que negócios obedecem a ciclos previsíveis, sazonalidades claras e calendários que permitem ao sócio entrar e sair do jogo. Como se a empresa pudesse funcionar sozinha enquanto o dono observa de longe, acompanha indicadores e espera o próximo movimento do mercado.

Essa lógica pode até servir para relatórios. Não serve para construir empresas relevantes.

O papel do sócio não é episódico. Empreender exige presença contínua. O negócio acontece todos os dias, nas decisões pequenas, nos desvios silenciosos, nos sinais que ainda não apareceram nos números. E quando o sócio se afasta da dinâmica real da empresa, o vazio nunca permanece neutro. Ele é ocupado por acomodação, mediocridade ou decisões de curto alcance.

No Brasil, essa negligência é ainda mais contraditória. O país possui um

dos maiores mercados consumidores do mundo, enorme diversidade setorial e capacidade quase infinita de geração de oportunidades. O limite raramente é estrutural. Na maioria das vezes, o limite está no próprio sócio, quando ele confunde delegação com ausência, estratégia com discurso e visão com distância.

O empreendedor é, por definição, o desbravador. É quem entra antes, enxerga antes e sustenta decisões antes que exista clareza completa. Nenhum legado empresarial relevante foi construído por alguém que apenas acompanha relatórios ou valida decisões alheias. Legado se constrói na presença, na inquietação produtiva e na coragem de fazer perguntas difíceis.

O sócio que deixa de ocupar a linha de frente perde algo essencial: a capacidade de liderar o futuro da própria empresa. E passa apenas a reagir a ele.

Existe também uma escolha que precisa ser feita com honestidade. Algumas empresas nasceram para ser boutiques: operações menores, especializadas, altamente rentáveis e coerentes com seu tamanho. Isso é legítimo. O problema

surge quando o discurso é de império, mas a disciplina é de boutique. Ou quando o sócio deseja escala, relevância e impacto, mas atua apenas de forma esporádica.

Costuma-se dizer, em tom de brincadeira, que o balanço deveria ser feito todos os dias. E há mais verdade nisso do que parece. O balanço anual pertence à contabilidade. O verdadeiro balanço acontece diariamente: na leitura correta do time, na percepção de riscos, na identificação de oportunidades e na clareza sobre onde a empresa realmente está.

Isso exige presença ativa.

Construir um negócio relevante não significa centralizar tudo nem viver em estado de paranoia operacional. Significa não abandonar o volante. Porque empresas raramente quebram apenas por crises externas. Muitas entram em colapso quando o próprio sócio, aos poucos, deixa de cuidar do fogo que mantém o negócio vivo.

E descobre tarde demais que o maior risco da empresa nunca esteve fora dela.

(Fonte: Rogério Vargas é sócio da Auddas).